

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

#### **MORTE E ANGÚSTIA: UMA COMPREENSÃO ACERCA DE SUAS RELAÇÕES**

Ingrid Milanez Fernandes (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Fundação Araucária, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/AF/IS-CNPq-FA-UEM);  
Lucia Cecília da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: [ingridmilanez@hotmail.com](mailto:ingridmilanez@hotmail.com)

Palavras-chave: Morte. Angústia. Fenomenologia.

Como lidamos com a morte? O que pensamos sobre ela? Ou evitamos pensá-la? Por que é tão difícil aproximar-nos de algo que é certo em nossa vida? A vida cotidiana é uma constante fuga da morte e quando o homem se depara com sua possibilidade, como quando adoece gravemente, a angústia ante a finitude aparece. Embora a morte em si não seja experienciável pelo sujeito, a morte do outro se antepõe à sua e ele vê seu destino.

O jogo existencial do ser humano, do qual vida e morte se fazem parceiras inseparáveis, é um problema dos vivos e, apenas e tão somente, dos vivos humanos, pois, embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas os seres humanos, dentre todos os seres vivos, sabem que morrerão (ELIAS, 2001). Assim, a imagem da morte tem acompanhado o existir humano desde seu alvorecer, abrindo enorme vazio diante da vida, representado por um aterrorizante “não-ser” inominável. A morte, porém, nunca deve ser entendida como experiência real do sujeito ou de um corpo, mas, eventualmente, como na forma de uma relação social na qual se perde a determinação do sujeito e do valor. Mas, se a morte se apresenta como um vivido impossível, a experiência simbólica da morte não se faz menos angustiante. Como permanência antropológica, tem tido o ser humano, ao longo dos tempos, que negociar com essa morte, no sentido de diminuir a angústia mortal dessa ausência/presença, ruptura/continuidade, promoção/destruição que é o morrer (BAUDRILLARD, 1996).

Enquanto existentes somos marcados pela temporalidade e por uma incompletude que, forçosamente é encoberta, na tentativa de nos inebriar com a noção de sermos especiais. Há uma dificuldade de lidar com a nossa própria finitude. Pensar a morte, então, nos parece ser pensar a própria existência humana, essa nossa condição irremediável de estarmos lançados no mundo para um futuro que projetamos e que tem como fator limitador a experiência da

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

morte. Acreditamos que, apesar de seu caráter limitador, o nada imposto pela morte possibilita, ao mesmo tempo, abertura para a compreensão de novas possibilidades de sentido e diferentes formas de pensar e agir (DANTAS, 2010). A partir do entendimento de que o saber-se mortal dispõe o ser em angústia, desenvolveu-se uma investigação cujo objetivo foi compreender a relação existente entre angústia e morte.

Para isso utilizou-se da modalidade de pesquisa realizada de revisão bibliográfica. Buscou-se por publicações científicas que faziam referência à compreensão e reflexão sobre a “angústia, morte e o morrer”. Foram utilizadas as bases de dados *online* como SciELO, Pepsic, CAPES para a busca das publicações, além de utilizarmos referências clássicas sobre o tema, em especial, a obra *Ser e Tempo*, de Heidegger. Essas produções foram estudadas no sentido de se apreender delas as compreensões em torno da angústia de se saber mortal. As referências foram estudadas e após foi elaborada uma síntese compreensiva acerca da relação entre angústia e morte.

Como síntese dos resultados, pode-se apontar que o problema do sentido do ser é considerado o ponto de partida para o pensamento do principal representante alemão da filosofia existencial, Martin Heidegger (1889-1976). O filósofo nos traz a indagação do homem a respeito do sentido de sua própria humanidade. A grande questão na filosofia heideggeriana é o ente como questionador, ou *Dasein*, conforme é conceituado. *Dasein* é abertura para ser, ser-aí que se compreende como tal, como ser lançado no mundo. Ontologicamente o *Dasein*, enquanto “ser-no-mundo”, apresenta como traço constitutivo a angústia, pois é ela que nos remete à totalidade da existência como ser-no-mundo. Apenas o homem é capaz de se angustiar, bem como apenas o homem existe e tem uma compreensão prévia do ser, diferentemente do animal. A angústia reside no puro fato de existir; o simples “ser-no-mundo”, o mundo como mundo (HEIDEGGER, 1989).

Na angústia, Heidegger (1989) localiza a verdadeira possibilidade de virada da existência humana, a possibilidade de o homem sair da inautenticidade, na qual ele geralmente vive, e assumir a autenticidade. Pressupondo que o homem seja tocado pela angústia, já que ela é rara, pode-se dizer que ele faz de uma só vez uma recapitulação de todo o seu existir e toma consciência do caráter essencialmente finito de sua existência, toma consciência do caráter essencialmente temporal do ser e de que está entregue somente a ele mesmo e à manifestação do ser. Assim, a angústia desperta o ser para a morte, enquanto dado temporal mais significativo da existência, e revela a finitude da existência humana, o fato de

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

que o homem tem um fim, que ele morre e que sua existência acaba, ou seja, remete a outro conceito fundamental de Heidegger, que é o “ser-para-a-morte”. (WERLE, 2003).

A morte constitui uma limitação da unidade originária do ser-aí, significa que a transcendência humana, ou seja, o seu poder-ser, contém uma possibilidade de não-ser. Diz Heidegger (1989): “o ‘fim’ do ser-no-mundo é a morte”. Entretanto, o caráter aparentemente negativo da morte apenas se coloca quando a morte é tomada no sentido vulgar de ser o momento do término físico da vida. Mas há um lado positivo na morte, isso se o ser humano assume o seu “ser-para-a-morte”, isto é, leva em conta que a morte é um fenômeno da própria existência e não do término dela. A morte apenas tem sentido para quem existe e se põe como um dado fundamental da existência mesma. Assumir o ser-para-a-morte, porém, não significa pensar constantemente na morte e sim tomá-la como um problema que se manifesta na própria existência. Depois de termos morrido não podemos mais sentir a morte. É um fato que a morte é algo que apenas podemos experimentar indiretamente, no outro que morre. A morte tem este aspecto paradoxal de apenas surgir quando não pode mais constituir um problema para o *Dasein*, a não ser que ele a assuma como a sua mais própria essência na própria existência. Na verdade, o conceito de morte é uma espécie de angústia ampliada e mais definida na direção de uma caracterização fundamental de nossa existência (WERLE, 2003).

A partir das reflexões trazidas neste estudo, podemos dizer que a morte, apesar de ser parte constituinte da existência humana, traz consigo grande carga de angústias e temores para quem dela toma consciência. A morte é a nossa verdade incontestável, apesar dos avanços da ciência tentarem prolongar ao máximo a vida.

Há na morte um elemento de transcendência capaz de nos tirar das ocupações cotidianas. A tomada de consciência do ser-para-a-morte leva a um questionamento de todo o ser, no sentido de que o ser humano se coloca radicalmente diante de seu ser. Assim como a angústia, “a antecipação da morte singulariza o ser-aí”. Desse modo, apropriar-se do ser-mortal permite basicamente uma consciência de toda a existência (passado, presente, futuro) e, por isso, também será por ela que o ser irá encontrar a sua verdade no tempo e assumir individualmente e singularmente a existência, já que a experiência da morte é sempre apenas individual, visto que Heidegger considera que a angústia diante da morte é a angústia diante do próprio “poder-ser”.

# III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

## Referências

BAUDRILLARD, J. **As trocas simbólicas e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

DANTAS, J. B. **O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade**. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, Rio de Janeiro, v. 10, n.3, 3º quadrimestre de 2010. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a16.pdf>> Acesso em: 29 out. 2011.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HEIDEGGER, M. Sein und Zeit. Tübingen: M. Niemeyer. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989.

WERLE, Marco Aurélio. **A angústia, o nada e a morte em Heidegger**. São Paulo, 2003.